

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte:

Jornal da Tarde

Class.:

Data:

30.05.72

Pg.:

UMA AVENTURA DE Jornal da Tarde **COTRIM NA ALDEIA DOS KARARAÓS**

30.05.72

A primeira expedição de que Cotrim participou depois que resolveu se dedicar exclusivamente aos índios foi em 1965. O objetivo era chegar a uma aldeia de kararaós. O sertanista Osmundo Antonio dos Anjos dirigia a expedição.

Esses índios moravam próximo dos rios Jarauçu e Jutai. Brancos que estavam se expandindo na região — vivendo da exploração de maçaranduba, uma espécie de látex — ao se aprofundarem na selva tinham chegado muito perto dos kararaós e foram atacados. Os índios haviam raptado dois homens e uma mulher.

Eram índios arredios, que tinham rápidos contatos com os brancos desde 1942. Nessa época, inclusive, haviam raptado uma branca chamada Anastácia, que anos mais tarde, num novo contato dos índios com os brancos, foi resgatada e passou a morar na região, no povoado de Porto de Moia, trabalhando como doméstica numa casa de família.

A expedição em que Cotrim estava, antes de ir procurar os índios, tratou primeiro de levantar notícias sobre eles com os brancos da região. Anastácia deu-lhes muitas informações. Confessou a Cotrim, inclusive, que os anos mais felizes de sua vida foram os que vivera entre os kararaós. Se já não estivesse tão velha, partia com a expedição e não voltava mais. Ficava com os índios.

Com as informações disponíveis, a expedição seguiu à procura dos Kararaós. Primeiro, seguiram pelo rio Jarauçu, onde chegaram perto de uma aldeia de índios, que, pelos vestígios, não podiam ser a dos raptadores de brancos. Como estavam lá, pacíficos, os homens da expedição decidiram que não havia razão para fazer o contato. Cotrim acredita que fossem índios remanescentes dos Araras, considerados extintos. Acha mesmo que, há pouco tempo, esses índios ainda moravam nas proximidades da Transamazônica, e que fugiram para o interior da mata com a aproximação das obras.

Desistindo do contato, a expedição continuou procurando pelos kararaós. Resolveu seguir pelo rio Jutai, onde encontraram os ossos de dois homens brancos mortos pelos índios sepultados apenas pela metade. Os índios só matam os homens. Por isso, a mulher que fora raptada por eles ainda devia estar viva.

Vinte dias depois, a expedição encontrou a estrada de caça dos kararaós. Depois de passar por várias aldeias abandonadas, a expedição chegou perto do lugar onde os índios estavam.

No dia seguinte, bem cedo, o índio intérprete da expedição entrou em contato com os kararaós. Explicava-lhes que eram amigos e estavam com fome. Os kararaós, diz Cotrim, ficaram cerca de dois minutos imóveis e silenciosos. Só víamos homens. Também ficamos parados, esperando alguma reação por parte deles.

Os homens, então, avançaram contra nós, com suas flechas armadas. Mas como não tínhamos armas e segurávamos brindes em nossas mãos, os kararaós acabaram nos recebendo e ficando nossos amigos. Tempos depois, — a expedição ficou com eles vários meses — quando os índios já confiavam nos brancos, revelaram dois segredos.

Primeiro: a mulher que haviam raptado fora morta no momento da chegada da expedição, durante aqueles dois minutos que haviam ficado imóveis, de armas apontadas. Era o tempo necessário para as mulheres e crianças fugirem da aldeia enquanto os homens enfrentavam os intrusos. A branca fora morta, para que os homens da expedição não soubessem que eles eram os raptadores. Imaginavam que a expedição era punitiva.

Segundo segredo: entre os índios, havia uma outra mulher branca, raptada aos 13 anos de idade, seis anos antes, que se fizera passar por índia o tempo todo. Integrava-se na tribo, casara com um índio, e não queria sair de lá. Evitava se revelar aos homens da expedição, com medo de ser levada embora.

Cotrim, aliás, já ouvira falar dessa mulher, que se chamava Maria, quando a expedição consultava a velha Anastácia. O marido de Maria é um dos poucos índios dessa aldeia que ainda vive, diz Cotrim. "Depois da pacificação, diz ele, e à medida em que os contatos com o branco aumentaram, os kararaós foram atingidos por sucessivas ondas de sarampo. De seus 82 elementos, hoje só restam três. O marido de Maria é um deles. Escapou porque, numa dessas ondas de sarampo, abandonou a tribo e mudou-se com a mulher para a casa de um irmão dela, no rio Guajarará, onde vivem até hoje.